

# CRÓNICA

*Masculina*

BITO LEGA  
MAY 1957



VIM

REPUBLICA VENEZUELA  
MAY 1957

...RIO DE AGUIAR apresenta  
**CRÔNICA MASCULINA**  
N.º 19 — 13-IV-1957  
Director e Editor:  
**RUI COSTA**  
Redacção e Administra-  
ção: Rua Saraiva de Car-  
valho, 207 — Telefone:  
56 86 39 e 56 86 84 —  
Propriedade de AGUIAR  
& DIAS, LDA. — Distri-  
buição da AGENCIA POR-  
TUGUESA DE REVISTAS  
— Composto e impresso  
nas oficinas da E. N. P.  
(Anuário Comercial de  
Portugal)

## PRESENÇA DE MULHER

**P**ODE o céu side-  
ral e pagão,  
com todo o  
cortejo radio-  
so dos seus astros  
entornar orgias de  
luz sobre a terra,  
que o nosso cora-  
ção permanece som-  
brio e plúmbeo, se  
junto de nós não  
palpitar a sublime  
estesia que a mulher  
deve espargir sobre as  
misérias do mundo.

Sem o suave convívio da  
nossa companheira predilecta, os dias  
parecem-nos penosos, as horas tristonhas,  
os minutos infindáveis; é como se a sombra do pe-  
sado tédio nos perseguisse e a melancolia que nos invade nos le-  
vasse a vaguear por entre ciprestes pendidos sobre tumbas.

É a mulher com o clarão maravilhoso da sua formosura e os eflúvios deliciosos da  
sua graça que ameniza e dulcifica todas as amarguras, todos os cuidados, todo o drama  
que se consuma nesta letal existência.

Nos dias esplêndidos de sol, em que a natureza refulge num delírio e que o nosso  
espírito parece tomar asas e desferir vôos pelo mundo real da fantasia, justo é que  
rendamos às mulheres; aqui representadas por duas das mais belas estrelas do cine,  
Jayne Mansfield e Joane Collins — todas as homenagens devidas a presença insinuante  
das graças jovens que Deus, em sua generosa dádiva, colocou junto de nós para bál-  
samo das nossas dores anímicas.

Jayne Mansfield, a explosiva loira americana de tímidos rosáceos na epiderme clara  
e Joan Collins, uma morena britânica cuja foguecidade desmente a tradicional fleuma  
das gentes do seu país, como mimosas figurinhas, deslumbram os olhos que as contem-  
plam, são uma nota prazenteira, de júbilo, alegria e vibrações.



## NO MUNDO DAS LETRAS

# ERICH MARIA REMARQUE

## O maior romanista das duas grandes guerras mundiais

A O ser posto à venda o livro — «Tempo para amar e tempo para morrer», alguns meses depois de «Centelha de vida», tornou-se a falar com insistência do seu autor Erich Maria Remarque, que muitos críticos referem como o maior romanista das duas Guerras Mundiais. Na verdade, o autor de «Arco de Triunfo» e «A oeste nada de novo», «Três Camadas» pode bem ser considerado o escritor que ofereceu aos leitores as páginas mais verdadeiras e patéticas sobre a «máquina» infernal e inexorável que é a guerra.

E, quando recordamos as duas etapas deste lutador das letras, sentimos uma maior simpatia, uma maior aproximação daquele que através dos seus escritos conseguiu sempre momentos palpantes de vida, uma esperança no dia seguinte, ansiando por algo de melhor, de mais razoável para o homem, seu companheiro na luta tenaz do dia-a-dia. E ao relembrar a vida deste escritor, compreendemos quanto esforço, persistência e sofrimento são necessários para alcançar uma posição na literatura mundial.

Erich Maria Remarque contava 16 anos quando a primeira guerra rebentou. Mobilizado sofreu os horrores das campanhas, sendo ferido várias vezes.

Após a guerra terminar, o futuro romanista viu-se coagido a aceitar toda a espécie de mesteres para ganhar algum dinheiro.

Um dia, o jovem Erich procurou o grande editor Sherl, que tinha um «trust» de jornais num dos quais aquele era redactor, para lhe propor a edição do romance que fizera sobre a guerra.

Porém, Scherl afirmou-lhe que o livro — «A oeste nada de novo» — era uma obra

romântica sem interesse. Longe de desanimar Remarque falou ao editor rival — Ullstein — proprietário também de um «trust» de jornais de características democráticas, opostas aos de Scherl, — que depois de muito instado acedeu a publicar o livro.

A edição alcançou um sucesso extraordinário, inesperado, igualando na tiragem — Mein Kampf —

A obra — «A oeste nada de novo» e o filme dela extraído foram imediatamente proibidos pelos nazis. O escritor perseguido pela polícia teve de fugir para a Suíça. Aqui se conservou bastante tempo, tentando uma cura para os seus pulmões afectados.

Mais tarde, partiu para Paris e depois para Nova Iorque, sendo hoje cidadão americano.

Em trinta anos de trabalho ininterrupto, Remarque escreveu apenas seis romances. O escritor explica, afirman-

do que tem imensa dificuldade em trazer para o papel as ideias.

E quantos não se sentirão deslumbrados e ao mesmo tempo um tanto incrédulos ao lerem em «Spark of Life» a vida de um campo de concentração, sabendo-se que só sete anos depois da Guerra terminada, Remarque visitou os locais de que nos fala com tanta veracidade?!

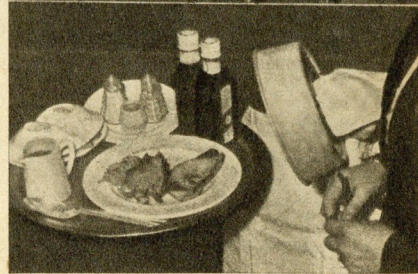
E quando lhe perguntam como conseguiu criar tal ambiência no seu romance, Remarque responde: «...Direito de romanista. Quantas vezes a imaginação e o coração não têm de substituir a experiência». «Centelha de vida» e «Tempo para amar e tempo para morrer» são a afirmação concludente de uma perfeita organização de romanista, que tem já um lugar de destaque na literatura mundial.

C. DE ANDRADE

## O espelho da loucura ambiente

A O que parece, o ofício de «rei do rock and roll» é coisa que rende. São vários os que o praticam, à semelhança de Elvis Presley. E, em vista do número de loucos que há no mundo, talvez seja necessário eleger mais para lhes proporcionar tais impérios de delírio. Entre os novos proclamados, figura o indivíduo que se vê na foto, a descansar num dos intervalos da sua exibição em Londres.

Enquanto os espectadores permanecem dominados pelos efeitos da sua «arte», Bill Haley, fora da cena, repousa e aproveita para tomar um estimulante. Um galo assado, com batatas à inglesa, salsichas e diversos enchidos, acompanhados de várias saladas e compotas. Tanto para um homem? Sim, o activo rapaz precisa de se alimentar. E ao vê-lo naquela atitude não há outro remédio senão pensar que a sua expressão é o espelho da loucura ambiente.



## Uma chávena de chá?

«Vai uma chávena de chá?» — parece dizer-nos com o seu sorriso Pauline Shepherd que, vós, leitores, não conheceis ainda. Os trezentos indivíduos britânicos que a pediram em casamento, esses, sim, não a ignoram.

Mas, Pauline (medidas vitais: 34-21-35) será, dentro em pouco, célebre em todo o mundo civilizado pela mesmíssima razão por que Marilyn Monroe e Brigitte Bardot se cobriam de fama. Cantora, actriz, bailarina, acaba de se estrear sonoramente na sétima arte. E, agora, um pormenor a fechar: Que idade lhe dão?

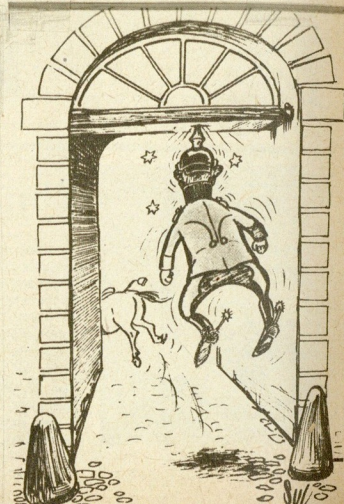
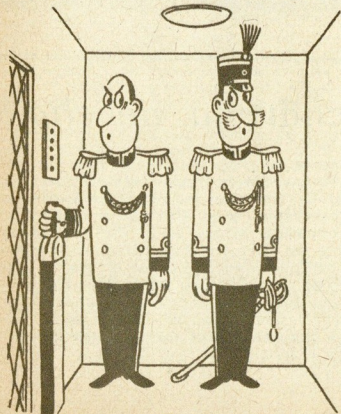
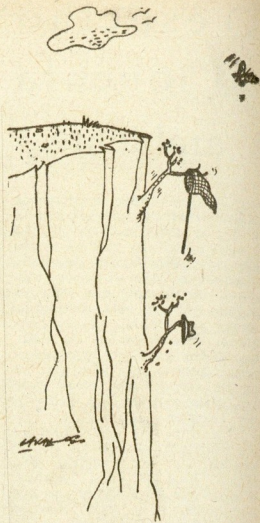
Se disséssemos que tem apenas quinze primaveras, não acreditavam, pois não?





S  
O  
R  
R  
I  
S  
O  
S  
A

LÁPIS



## Primavera no Tejo!

Junho das manhãs calmas e das tardes de fogo ainda se demora, mas este Abril risonho de precoces lumes, imitou três graças a chapinhar no Tejo. São três ondas, três tágides verdadeiras que saudosas de água e maresa chapinham sorridentes e bem humoradas no trecho ribeirinho desta Lisboa encantada. E o fotógrafo matinal que fora para o Sodré ver nascer a aurora pôde trazer-nos este dilúcio de garridice, de fescura, de juventude de alegria de viver.



## JUDO, O DESPORTO DA AUTO-DEFESA

Muita gente que tem presenciado lutas de «ju-jitsu» ignora o que seja o Judo e os benefícios que se podem colher da sua prática.

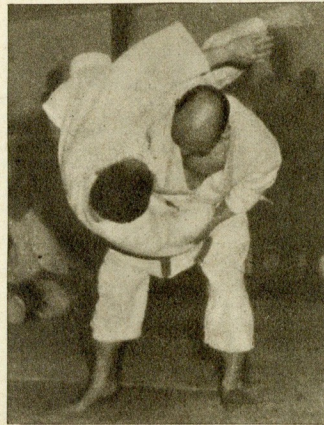
Tal como «ju-jitsu», o judo é uma criação simpática destinada a doar o débil de engenho e arte para vencer o possante. Deve-se a um professor de uma universidade de Tóquio, o Dr. Jogoro Kano, homem de vasta cultura e larga visão que, no século passado começou a aprender o «ju-jitsu», modalidade de luta existente no Japão há milhares de anos. Kano observou que aquele desporto poderia ser praticado por qualquer pessoa.

Começou a estudá-lo a fundo e chegou à conclusão de que poderia orientá-lo para uma forma mais desportiva. Após a aprendizagem em várias escolas, fundou o Instituto Kodokan, que passou a ser a sede

mundial do «ju-jitsu», já então com o nome de judo. O êxito do Dr. Kano foi absoluto e tornou-se internacionalmente conhecido, praticado em todo o mundo, segundo regras estatuídas. A sua prática é permitida a qualquer pessoa, mesmo às mulheres e às crianças e é aconselhada a alguns indivíduos como tratamento psíquico, pois as suas finalidades são físicas, mentais e morais.

As suas demonstrações constituem sempre belo espectáculo de técnica e equilíbrio e o conceito em que se fundamenta é o do aproveitamento da força do adversário, baseada na alavanca, a qual permite a um indivíduo fisicamente mais fraco sobrepujar outro de maior poder atlético.

Embora acessível a todas as pessoas a aprendizagem do judo estabelece fases e categorias de praticantes.



# A televisão contra as "prestidigitadoras" das casas de modas

O leitor sabe, certamente, o que significa este palavra: cleptomania. Se não sabe (do que nos permitimos duvidar), elucidamo-lo: cobiça inveterada do alheio que se materializa sempre que a altura se proporciona.

Pois exactamente: a ocasião faz o ladrão — de calças ou de saias — principalmente o de saias que, como diz a notícia, sai de casa e entra num estabelecimento de modas, disposto a não sair com as mãos vazias.



Dois pisos acima dos grandes armazéns «Printemps» de Paris, está instalado o gabinete de vigilância. O inspector da policia privada do importante estabelecimento tem na frente o aparelho de televisão que lhe permite seguir sem perda de um pormenor, os movimentos das clientes.

Às vezes, não é a cleptomania, — essa fragilidadezinha — que nos faz pecar. É a pressa, são as exigências do tempo que passa a correr, quem nos instiga a fazer compras sem passar pela caixa registadora das moedas.

Claro, os balanços de fim de ano não acusam tão pequeninas subtracções ao património vultoso das grandes organizações comerciais ou dos pomares onde por graça e costume surripiamos uma lanranja ou uma batatinha.

Mas é feio, e há que coibir maus hábitos. Portanto, mais para salvaguardar a pureza das almas do que para defender os pingues lucros de exercício, as grandes casas de modas que há na estranja adoptaram um processo eficaz de evitar os delitos da clientela. Esse processo resume-se, afinal, como as gravuras documentam, a um simples aparelho de televisão destinado a observar atentamente todas as manipulações praticadas a ocultas dos caixeiros. As luvas, os «naperons», uma pequena écharpe, o meio metro de renda para debruar o decote, um simples tubo de alinhavos, o insignificante botão para o colarinho do marido passam a pesar no orçamento das boas donas de casa e, consequentemente, a entrar nas carteiras dos chefes de família.

Colocada numa posição estratégica a objectiva (ponto negro ao fundo) capta todas as atitudes das senhoras que se informam das qualidades e dos preços das luvas.

Esta notícia que nos chega de Paris, não envolve a mínima insinuação para as mulheres portuguesas, honestas e escrupulosas como nenhuma das outras do mundo, incapazes de assimilar os maus hábitos das semelhantes das grandes metrópoles europeias.

Aliás, o bem encontrado sistema do «Printemps», por ora, funciona apenas como meio reeducativo de senhoras muito práticas. E se fosse adoptado entre nós, nos Grandes Armazéns do Chiado, na Loja das Meias, no Grandela, no Tatá Rodrigues, havia também de ter o seu período experimental já que de televisão se trata.

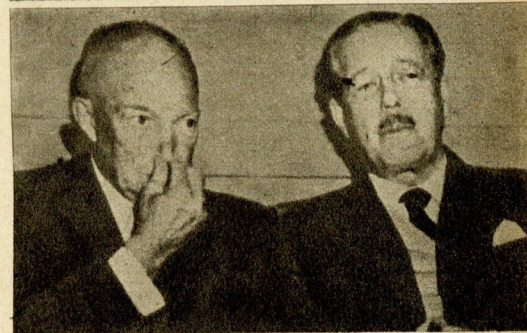
Mas, porventura, será preciso?...

## PIRILAMPOS

O que se engana e reconhece o erro é um homem sincero. Ou melhor, um homem casado.

\*  
Obedecer antes de ser mandado é a qualidade mais apreciável num marido ideal.

\*  
Féria, significa um par de meses tranquilos para o marido que não veraneia.



## O NARIZ DE CADA UM

A conferência das Bermudas terminou com um comunicado que assinala notáveis coincidências entre os pontos de vista dos Estados Unidos e da Grã-Bretanha. O presidente Eisenhower e o primeiro ministro Mac Milan são velhos amigos e sobre esta ideia há que pensar que os problemas discutidos tenham sido tratados com sinceridade e clareza, que não excluam a mútua e prudente compreensão das dificuldades de cada um. Estas fotografias parecem revelar as naturais preocupações dos dois políticos.

Quando Eisenhower fala, Mac Millan compõe uma atitude reflexiva. Depois os papéis invertem-se. Realmente não se podia desejar maior identidade de gestos e de pensamentos.

# CONHECE a história do seu automóvel?

SABE que ela começa nas matérias-primas, correndo em múltiplas qualidades e quantidades para as grandes fábricas sobre os mais diversos tipos de transporte: — carroças, camiões, navios, comboios, etc.?

Sabe que, em construção normal, esta indústria absorve 80% da borracha de todo o mundo, 30% do chumbo, 25% do aço refinado, 20% do cobre e alumínio, 3/4 do vidro em lâmina, 10% do pinho e uma boa parte dos diamantes industriais?

Derivados do grão da soja entram na composição de lubrificantes e tintas; enorme percentagem do algodão é consumida na manufatura dos pneus; entre cada 10 cabras, o pêlo de 4 termina os seus dias nos estofos dos assentos e 3/10 do couro usam-se nos forros interiores.

Não importa que se trate de uma baratinha, ou de um sumptuoso Cad. A história é igual, sempre com 3 fases: engenharia, desenho e produção. O drama — porque é um drama... — começa no laboratório, verdadeira fonte da produção automobilística que, às vezes, exige, só por si, edifícios inteiros de muitos andares. Aí encontramos os técnicos: — químicos da fumaça trabalhando em minútuas mecânicas; engenheiros-eletricistas à volta de uma nova disposição do

circuito ou de um novo tipo de bateria; metalúrgicos experimentando a resistência dos materiais; engenheiros mecânicos determinando fórmulas...

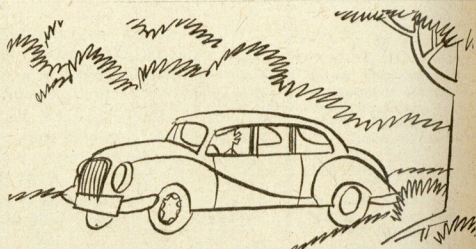
Depois, o desenho. Mediante grosseiro **crôquis** a lápis com as respectivas dimensões, o desenhador tem de cumprir. Mas isto é o menos. O mais importante é o estilo, a arte — um autêntico **estado maior** de escultores, gravadores em madeira, artifices do aço — representando cerca de 30.000 homens — sua de trabalho na idealização de um novo carro.

É construída uma única unidade para ser vítima das mais atrozes experiências. O campo é extenso e largo de muitas milhas. Possui todos os tipos de estrada, montes escarpados, caminhos rochosos e cheios de buracos. A vítima rolará dias e dias na mão de volantes excepcionais, a todas as velocidades possíveis. Sofrerá as mais diversas espécies de tortura: — travagens bruscas, cambalhotas, frio, calor, etc.. O seu trabalho será 10 vezes maior do que o de um veículo ordinário. E só então, prestadas todas as provas de resistência, entramos na nova — na última fase: — a produção.

A **cadeia sem-fim**, espécie de lagarto rolando, chega a atingir quilómetro e meio e é alimentada em determinados pontos por outras linhas acessórias. Tudo é matemático, embora quase tragicamente complicado. Não pode haver engano. Desde a mais insignificante anilha à carroceria, todas as partes se ajustam e harmonizam perfeitamente. Os operários constituem um formigueiro rápido e incisivo. Coisa alguma pode estacar porque a cadeia move-se num ritmo inexorável. Note-se que um **sedan** de 6 cilindros, por exemplo, se compõe de mais de 19.000 peças diferentes...

Em cada tanque, um galão de combustível. E, finalmente, os automóveis começam a sair da oficina à razão de 1 em cada 2 minutos — amarelos e azuis, **sedans** e **cabriolets**, toda a variedade ditada pela imaginação teórica mercê de uma coordenação perfeita a favor de uma magnífica realidade. Eis lançado um novo modelo, cuja história devorou milhões que o leitor, possivelmente, ajudará a retribuir quando pensar na sua comodidade ou na exigência profissional.

Já se tinha detido alguma vez nesta história, a um tempo dramático e romântica?



## Quem não for romântico, que não leia...

# O TEMPO E O SENTIMENTO



Henri Beyle-Stendhal

SABE-SE, hoje, que foi uma mulher, Mathilde Viscontini, quem inspirou a Stendhal o seu livro «Do Amor», obra-prima de observação, sensibilidade e delicadeza. Mathilde, que vivia em Milão separada do marido, o general barão Jean Debowski, foi para Stendhal, desde 1819, o que convencionalmente se chama uma paixão desditosa. Viram-se, pela última vez em Junho de 1821. Mathilde morreu em 1825. Stendhal amou-a sempre.

Essa mulher que estava muito longe de imaginar a grande glória que havia de nimir o seu nome, aparece em quase toda a obra do escritor, tanto em «Le Rouge et le Noir» como «La Chartreuse de Parme» e em «Lucien Leuvens».

### A TEORIA DA CRISTALIZAÇÃO

A leitura de «Do Amor» é um encanto; um encanto e uma lição. Compreendemos que existe um abismo entre o modo de amar descrito por Stendhal no século passado e o amor tal como o concebemos e expressamos hoje.

Stendhal distinguia quatro espécies de amor: primeira, o amor-paixão, o de Eloisa por Abelardo, por exemplo; segunda, o amor galantaria, conforme as regras da sociedade francesa do século XVII; terceira, o amor-físico, considerado, com razão, como um prazer baixo — um exercício, podemos dizer — em suma, triste e falaz; quarta, o amor vaidade, se amamos, nos

exemplo, uma «estrela» de cinema, um campeão de boxe ou uma duquesa.

Em regra, e tendo em conta matizes, a classificação de Stendhal pode aceitar-se ainda hoje.

Mas a sua teoria sobre o nascimento, sobre a formação do amor, a que ele chamou «cristalização», mostra que os tempos mudaram muito.

Na «cristalização», isto é, na criação do amor, Stendhal tem em conta os diferentes temperamentos do homem (e um número insuficiente dos temperamentos da mulher). Segundo ele, o amor nasce da admiração e prolonga-se na esperança. Depois, o apaixonado dá ou empresta ao ser amado toda a espécie de qualidades morais e físicas; faz dele um ser perfeito. O objecto amado parece inacessível ou indigno dos sentimentos que o amante tem para com ele. Nessa altura começa a segunda cristalização. O amante descobre no amado novos encantos. Persuade-se de que o seu amor é correspondido. As duas cristalizações podem durar meses; às vezes, um ano e mais.

### «A MAIOR FELICIDADE»

Vivemos no século da velocidade, da vertigem. Em nossos dias é raríssimo que entre o primeiro sentimento de admiração e a primeira «cristalização» possa — como disse Stendhal — transcorrer um ano.

(Continua na página seguinte)

A sociedade actual, tal como está constituída, tal como se impõe ao indivíduo, é uma sociedade colectivista, cada vez mais materialista. Haverá sempre seres sensíveis, delicados; os seus sentimentos serão expressos e compreendidos com dificuldades crescentes. Frequentemente esses sentimentos podem parecer anacronismos muito ridículos. Diz Stendhal: «A maior felicidade que o amor pode proporcionar reside na primeira vez que estreitamos nas mãos as da mulher amada». Isto figura-se-nos uma verdade profunda. Mas devemos perguntar-nos se essa felicidade subsistirá no mundo que pretendemos edificar.

Stendhal afirma que preferiria sonhar «com a mais incerta probabilidade de agrandar à mulher amada do que receber de uma qualquer tudo que esta lhe pudesse dar. «E diz ainda: «A visão de tudo o que é extremamente belo na Natureza e nas Artes, nos traz com a celeridade de um relâmpago a recordação do objecto que a nossa alma elege». A sociedade actual, a vida cotidiana, dificultam a visão, a apreciação do belo. Os indivíduos encontram-se embretucados pelo trabalho, a rádio, o cinema, os livros, em regra medíocres, e pelas conversas mais medíocres ainda. Poucos seres sentem a coragem de se obrigar, no meio das dificuldades da sua existência a conservar, a proteger dentro de si, certo sentido estético e moral.

O amor que é a antítese do egoísmo, tornou-se em nossa época, ferozmente egoísta. A generosidade, a sensibilidade, já não são virtudes, mas sim, com frequência, defeitos graves, pois constituem «handicaps» na luta pela vida. Hoje, para alcançar, há que possuir-se um coração duro.

A existência do amor apaixonado, no que esta palavra tem de mais pura e terna, torna-se, cada dia, mais difícil. Em muitos países, os testemunhos artísticos, literários e judiciais, demonstram-nos que o amor foi substituído pelo prazer e pelo vício. Procura-se que esses interesses coincidam, pois o prazer e o vício são egoístas quando o amor não é absolutamente nada.

### DESPERSONALIZAÇÃO DO AMOR

Ainda se evoca o pudor, tão delicadamente descrito por Stendhal como «mãe do amor». Mas, analisando bem, reconhece-se que esse pudor, não é mais que hipocrisia: serve para recusar, não já em nome da moral e da dignidade, ou do próprio amor, mas em nome do prazer, do interesse e do vício.

O amor de um homem por uma mulher, ou de uma mulher por um homem, já não

# O TEMPO E O SENTIMENTO

é como era dantes, constantemente, a grande preocupação da sua existência. Outrora, os problemas sentimentais determinavam a maior parte dos outros. Os problemas materiais impõem-se hoje de tal maneira que, em muitíssimos casos não pensamos em amar até que lhes tenhamos dado solução. Apareceu, pois, uma quinta espécie de amor, o «amor-comodidade». Não é amor nem pode sê-lo em nenhum caso. «Não devemos confundir — diz Stendhal — o gosto pelos concertos com o gosto pela música».



A «cristalização» hoje não é menos necessária do que há cento e cinquenta anos. Nessa época se encontravam em nós próprios e no ser amado razões para admirar, para esperar; estas razões no-las oferece actualmente o mundo exterior. A «cristalização» é cada vez mais colectiva. Tipos vulgaríssimos de homens e de mulheres são admirados e imitados; tipos que aparecem nos filmes, nos livros, nos estádios, nas revistas ilustradas, inclusive nas de modas.

Em nossos dias ainda existem sentimentos amorosos tão sinceros, tão puros, tão profundos como nos séculos passados. Mas quem os expressar tal como os sente, corre o risco de ser tomado por ridículo, complicado e até perigoso. É triste. A confissão simplicíssima de um amor puro lograria hoje o efeito que poderia causar um Apelles no estúdio de Picasso.

André Billy escrevia há dias em «Le

Figaro» «que o amor tende a despersonalizar-se». Expressão tanto mais espantosa quanto exacta e, talvez, não só em França...

### SE STENDHAL VOLTASSE

Mas podemos fazer uma observação muito mais grave. O próprio Stendhal notava que as mulheres no seu tempo não tinham já o poder de antigamente e que «estavam a passar de moda». Que diria hoje se se erguesse da sua tumba de Milão?

Na sua época, as mulheres, conquanto não exercessem o domínio que exerciam nos tempos da cavalaria e nos séculos XVII e XVIII, ainda representavam papel preponderante na sociedade. O amor heterossexual era sempre o grande assunto da vida. A mulher defendia as suas prerrogativas, o seu poder com uma energia, uma nobreza, uma subtilidade, em que deviam inspirar-se as mulheres de hoje.

A mulher quis ombrear com o homem em todas as actividades intelectuais e sociais, quando ela era infinitamente superior numa esfera que sobrelevava todas as demais: a do coração. Não manter essa superioridade seria perder tudo; seria também pôr em perigo as próprias bases, a própria estrutura da sociedade humana. E isso é o que se está a verificar.

A célula de toda a sociedade são, a família, está directamente afectada, e acontece que no próprio seio da família os sentimentos mais sagrados se destroem progressivamente.

La Bruyère ditou esta frase terrível: «Os amores morrem de fastio e o esquecimento os sepulta». Ocorre perguntar se não estamos a assistir não apenas a uma «despersonalização» do amor, como afirma Billy, mas também ao desaparecimento progressivo do sentimento mais maravilhoso do mundo, a uma deliquescência do amor pelo fastio.

Infelizmente, não é assim. Este amor de que tanto se fala em obras de «cordel» e que, na realidade, parece triunfar,

não é amor. É lúgubre caricatura que nos envergonhamos de comparar com esse sentimento magnífico. E essa caricatura oculta em si os elementos da própria destruição.

Já em muitos países (1) se esboçam reacções sãs, enérgicas, viris contra a feição deletéria que os tomou. A nossa grande esperança é que os nossos filhos possam um dia ler o livro de Stendhal com menos tristeza do que nós.

SAINT-PAULIEN

(1) — N. do T.: Em Portugal é digna de louvor a acção desenvolvida pelas instituições católicas juvenis.



## Espírito de luta

Como exemplo de espírito de luta extrairmos do livro «Kith General Chennault», de Robert B. Hotz, a seguinte anedota:

Art Chen, piloto da Força Aérea chinesa, na última guerra, travou combate com três caças japoneses. Conseguiu já derrubar um deles quando se lhe acabaram as munições. Lançou-se em para-quadras e aterrou são e salvo muito perto dos restos do seu avião, entre os quais, encontrou uma metralhadora intacta. Com ela ao ombro caminhou doze quilómetros até à sua base aérea. Ali se apresentou ao general Claire Chennault, e mostrando-lhe a arma, disse:

— Meu general! Podia dar-me outro avião para a minha metralhadora?

# 4 PERGUNTAS SOBRE O AMOR



1 — O AMOR IMPEDE-NOS DE VER OS DEFEITOS DA PESSOA AMADA?

(Ver resposta na pág. 18)

2 — OS PERFUMES ESTIMULAM O AMOR?

(Ver resposta na pág. 21)

3 — SÃO REALMENTE OS OLHOS QUE NOS REVELAM UM ESTADO DE ALMA?

(Ver resposta na pág. 22)

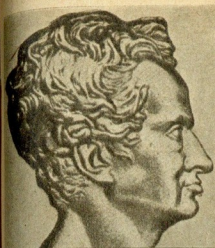
4 — O AMOR PROLONGA A VIDA?

(Ver resposta na pág. 26)



## A NOSSA CAPA

Quanto mais conheço os homens, tanto mais adoro os animais — teria dito há três ou quatro décadas, um romancista famoso, iconoclasta de reputações, verdugo dos mais nobres sentimentos e criador fácil de emoções ainda mais fáceis. A bela que prodigaliza carícias ao cãozinho certamente não conheceu Pitigrili, impiedoso mordaz, insólito condenador da espécie de que proveio e da espécie em que se integra. Sabe apenas que tem coração e que no seu peito podem caber todas as formas do afecto necessário aos seres sensíveis deste mundo. Não se devota aos animais pela razão de repelir os homens e, creia leitor, se ela o conhecesse a você, que deteve admiravelmente os olhos na sua effigie colorida, ou nós mesmos, autores, desta legenda, a bela seria a primeira a dar ao conceito do famoso romancista italiano esta redacção definitiva: Quanto mais conheço os homens, tanto mais adoro os animais...



André Maria Ampère

## Sabe ao certo Porque é que diz...

«AMPÈRES?»

— Porque tal era o apelido do homem que descobriu a lei fundamental da electro-dinâmica — André Maria Ampère, grande matemático e físico francês.

...«SANDWICH?»

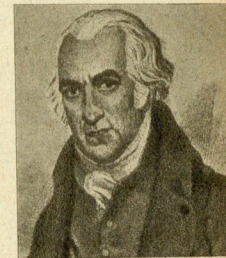
— A palavra evoca, não só o nome de certas ilhas da Polinésia também conhecidas por Hawaii, mas principalmente certa iguaria trivial e de fácil arranjo que certo humorista disse ser composta de um pedaço de nada medido entre fatias de coisa nenhuma. O petisco foi criado pelo Almirante inglês Lord Sandwich, gastrónomo mestre que anda por aí na boca de todo o universo.

...«WATT?»

— Porque assim se chamava o notável mecânico escocês que concebeu o princípio da máquina a vapor de efeito duplo.



Diogo Watt



Lord Sandwich

## Da Psicologia do Dactilógrafo

Não veio da América, embora pareça incrível... Um sábio de Basileia afirma que qualquer instrumento de escrita, cinzel, lápis, pincel, caneta ou máquina se usa de um modo absolutamente pessoal. Qualquer que seja o método usado, o acto de escrever revela o nosso carácter — coisa que a Grafologia prevê, quanto à escrita manual... Se o leitor é dactilógrafo, aqui tem uma tabela-base para uma auto-análise. E... muita sinceridade, hem?

- Desuido na pontuação** — Irresponsabilidade, carença do sentido do dever;
- Golpear equivocadamente as letras vizinhas** — Carência do sentido do pormenor.
- Maiúsculas desalinhasadas** — Idem.
- Emprego inútil de abreviaturas** — Escasso sentido das distâncias. Falta de disciplina.
- Omissão de espaço entre as palavras** — Incapacidade para pensar com clareza.
- Espaços excessivos entre as palavras** — Prudência em demasia.
- Letras interpostas devido à rapidez** — Excitabilidade. Vivacidade.
- Letras sobrepostas na correção de erros** — Consciência, mas também falta de segurança.
- Omissão de letras** — Memória escassa. Método apressado de trabalho.
- Tipos sujos** — Sensualidade. Falta de delicadeza.
- Sublinhado frequente** — Entusiasmo excessivo. Egotria.
- Espaço estreito entre duas linhas** — Economia levada até à avareza.
- Golpe débil** — Falta de energia. Temperamento fleumático.
- Golpe forte** — Voluntariedade. Temperamento ardente.
- Golpe variável** — Mau humor. Tristeza.



# ZIZI JEANMAIRE

(SENSAÇÃO DE PARIS)

## canta com as pernas



Paris, para ser sempre Paris, esse calidoscópico de mil cores que prende e fascina o visitante já nem sabe o que há-de inventar. Mas a verdade é que no filão chamado imaginativa dos homens, jamais se extinguem as novas ideias e as sugestões para vestir a arte. É principalmente no sortilégio dos espectáculos que Paris, todos os anos se renova: para diferir de si própria.

Agora, numa das mais concorridas «boîtes» da cidade umbrosa que o Sena aclara, surgiu outra sensação: Zizi Jeanmaire, esposa do famoso bailarino da ópera Petit Roland, a mulher que canta com as pernas.

As atitudes de Zizi Jeanmaire hábilmente colhidas pelo fotógrafo dispensam as legendas. Não há dúvida: Zizi criou um novo gênero — o da canção expressionista, misto de lirismo e coreografia com o seu quê de acrobático.

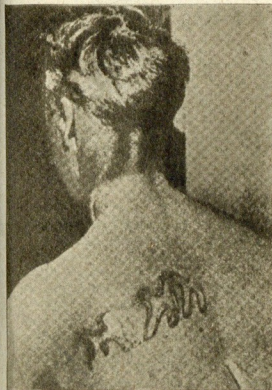
## O SIMBOLO BARBARO DOS TRÊS «K»

Criminosos mascarados com a cor da pureza PATUSCOS "CAVALEIROS DO IMPÉRIO INVISÍVEL"...

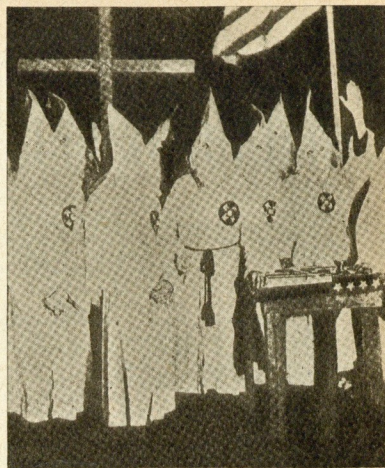
A LCURES nos Estados Unidos, em plena noite, uma gigantesca cruz de fogo denuncia a reunião dos Klansmen. Bizarramente escondidos numa vestimenta branca que os oculta por completo, decidem um crime. Negro, ou branco caído em desgraça será, quando menos, marcado com um ferro em brasa e depois expulso da cidade em que habita. No dorso, levará para sempre este símbolo bárbaro: KKK — Ku-Klux-Klan, a mais odiosa seita dos subterrâneos da vida americana... E dará graças a Deus, por ter escapado da morte, moeda corrente para os Cavaleiros do Império Invisível...

Diga-se, aliás, que esta maçonaria de Além-Atlântico foi criada com boas intenções, ou melhor, com intenções aceitáveis. Mas estas nunca passaram do papel. Tem um credo baseado no patriotismo, na lei, na justiça e na liberdade — o que não chega para justificar a tirania que vem exercendo desde 1866.

Nascida do ódio que sempre separou Nortistas e Sulistas, bem se pode considerar um rasto sangrento e duradouro da Guerra Civil. Em decadência após uma sangrenta fase inicial que vitimou centenas de negros recém-libertos, voltou a imperar a partir de 1918, por obra de um tal famigerado William Joseph Simmons que pomposamente se chamou a si mesmo «Grande Feiticeiro do Império Invisível...» Assim, românticamente continuou a arrastar as suas vítimas pela rua, enforcando-as em seguida, ou queimando-as vivas. Porquê? Ou pela forte razão de serem negras, ou, quando brancas, por representarem inimigos políticos, religiosos, estrangeiros ou nacionais a menos de 100 %, segundo a expressão yankee!...



Uma vítima da Ku-Klux-Klan, marcada com um ferro em brasa.



Numa cerimónia pública.

Klu-Klux-Klan é uma deformação popular do título inicial — «Kukloï», derivado da palavra grega **Kluklos, círculo**. Os iletrados começaram a dizer Ku-Klux, e depois foi acrescentado o vocábulo Klan por analogia com outra sociedade secreta. Além disso, os imaginativos **Klansmen** atribuíram a esses três sons guturais a ideia dos três movimentos de carregar uma espingarda, não se sabe bem com que propósito...

Eis um dos princípios extraídos do seu credo: «Não devo obediência a nenhum governo, imperador, rei ou papa, nem a nenhum outro poder político ou religioso proveniente do estrangeiro».

## PÁGINAS DA MULHER

# A ARTE DE BEM VESTIR

**E** STÃO na moda os vestidos de farrapos. Um grupo de atrizes do cinema italiano e algumas de outros países têm o costume de aparecer no «écran» com vestidos deterioradíssimos. Dão a impressão de que foram salvas de naufrágio em que a sua indumentária sofreu mais do que a sua anatomia, a qual nos surge como nova, fresquinha como uma alface. As modistas ou os costureiros incumbidos de desenhar os pedaços de traje que exibem essas raparigas limitam-se a arrancar de quaisquer batas ou roupões os retalhos que lhes sobram. Essa tarefa, aparentemente fácil, não deve ser tão fácil assim como parece. Rasgar um vestido com bom gosto, torna-se tão difícil como fazê-lo. Claro, as jovens que aderiram a essa concepção da moda possuem tal plástica que qualquer trecho de pele que fique a descoberto é sempre um trecho digno de ver-se. Mas se a moda se propaga, como é de esperar dados os resultados excelentes, os figurinistas terão de estudar qual a superfície que devem desgarrar de harmonia com o tipo de cada cliente. Nem todas as mulheres resistem à prova de que o vestido se lhes rasgue em qualquer ponto.

—Mandeí fazer um vestido com uma rasgadura aqui e outra ali—dirão as senhoras dentro em pouco.  
—A mim, as aberturas nas espáduas não me ficam bem. Mas vou ter um traje «chic». Mandeí pôr um pedaço de sarapilheira cerzida na anca que me favorece muito.

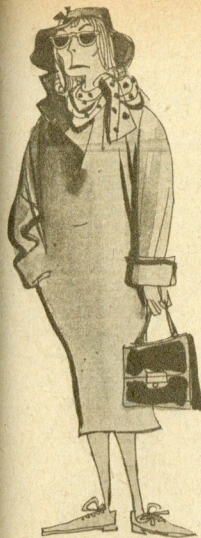
—Filhas, que felicidade! Qualquer farrapo vos fica a matar. Eu tenho de me conformar com escurecer o nariz e puxar o cabelo todo para cima e prendê-lo com um barbante.

—Tem paciência, querida. Não é farrapeira quem quer, mas quem tem condições para sê-lo...

A elegância inventou-se nos tempos em que as senhoras não mostravam senão o vestido, e era difícil adivinhar a qualidade do que havia sob ele. Tinham de fazer qualquer coisa para que o espectador se decidisse a admirar mais do que o rosto. Se folheamos os figurinos antigos, verificaremos que somente quando tinham de ocultar os seus próprios encantos, as mulheres apelavam para os encantos de confecção. Nos trajes de gala, de grandes decotes, todos os adornos se concentravam nas saias, que eram prodígios de plástica aplicada. Em contapartida, os trajes de passeio, em especial os vestidos de praia, quando em momentos oportunos era permitido exibir o tornezo, a saia era simples peça auxiliar, anódina, sem importância, e todos os «plissados», perifolhos e refolhos se trasladavam para a sombrinha protectora contra as ardências do sol. A elegância e o bom gosto empregavam-se então, para compensar os espaços vazios, os espaços mortos.



Agora, que todos os espaços são vivos e coleantes, pelo que basta cobri-los com trapinho, muitas pessoas saudosistas choram o desaparecimento da elegância no trajar. Principalmente as pessoas que, além de nostálgicas, são senhoras a atrir-rar para feias. Mas as coisas são mesmo assim e não vale a pena ninguém lamentar-se. Ainda há pouco tempo, o «Sunday Express» publicou a lista das dez mulheres mais mal vestidas do mundo—elei-



as possuidoras de encantos espirituais. Poderão continuar se quiserem, a inventar linhas, a descer e subir saias, a decretar este ou aquele género de penteado; tudo isto para as que se não parecerem com Gina Lollobrigida nem com Greta Garbo. Mas essas são tão poucas que, francamente, não vale a pena preocuparem-se demasiado com elas.

(De nada, queridas leitoras).

### MINGOTE

#### QUE É A MODA?

É o tributo que as mulheres pagam aos seus caprichos da algebeira dos pais ou dos maridos.

...É o sangue dos que ganham o pão de cada dia com o suor do seu rosto e do seu corpo inteiro vertido em farrapos para outros homens ver...

tas entre as que podiam vestir-se melhor se quisessem—, e na lista destaca-se o nome de Greta Garbo.

A Greta Garbo chamaram os homens de três gerações a «divina». É de presumir que a lista do «Sunday Express» fosse confeccionada por uma mulher de sólidos princípios, uma das tais que se sentem indignadas quando os homens não consideram as mulheres elegantes senão no caso de elas continuarem estupidamente em combinação.

Os grandes costureiros terão de ir pensando em renovar o seu espírito e em refundir as suas colecções: farrapos graciosos para as jovens de bela plástica e qualquer coisa prática e de agasalho para



## CRÓNICA DESPORTIVA

UM MAGAZINE QUE VAI FICAR!

UM REPOSITÓRIO VIVO

E SUGESTIVO DE CURIOSIDADES DO DESPORTO

MUNDIAL

# Aranhas, Aranhaços e Aranhões...

OITO OLHOS QUE NÃO VALEM NADA \* AS «ARANHAS SOCIAIS», AS «AVIADORAS» E AS «AVENTUREIRAS» \* ARANHÃO TAMBÉM DÁ BONS EXEMPLOS...

QUEM observar cuidadosamente uma teia de aranha, fica assombrado com a delicadeza dos fios e com a arte do seu traçado. E mais assombrado ficará ao saber que esses curiosos animaisinhos preparam berços de pura seda para os seus filhos, como se eles fossem, príncipes votados ao luxo e à riqueza!

No entanto, que criaturas feias repelentes e assustadoras! E que perigosas, algumas! A «caranguejeira», do interior do Brasil, é venenosa e agressiva. Existe outra espécie tão feroz que chega a subir às árvores para assaltar ninhos e devorar os indefesos pássaros recém-nascidos. Outra ainda, da África do Sul, alimenta-se de peixes com o auxílio das patas dianteiras, que são longas e fortes.

Mas a maior parte é inofensiva, demonstra hábitos laboriosos, engenho e espírito desportivo... As mais curiosas são as que constroem submarinos, chamadas «argironetas». No fundo de um rio, fazem uma casa de seda em forma de tubo, ao abrigo das pedras ou das folhas. De vez em quando sobem à superfície e «torpedeiam» um mosquito. Depois de o devorarem tranquilamente, voltam ao seu refúgio subaquático.

Certa raça, bem pode chamar-se «aviadora». Sem dizer água-vai, pendura-se nas pernas do bezouro mais próximo e viaja de «borla...» Outra — a «aventureira» — encerra-se num casulo e coloca-na ponta de um galho. Quando o vento sopra com mais força, voa em balão não dirigível... A mais notável, contudo, é a «aranha sociável», que forma uma espécie rara. Basta dizer que trabalham em conjunto. A mesma teia serve para todas. As mais fortes procuram sempre ajudar as mais fracas. Se um inimigo ataca,

organizam a defesa em comum. Qualquer jovem aranhão dá exemplos de perseverança e disciplina, delicadeza e solidariedade.

As espécies mais conhecidas possuem oito olhos... para nada. Só enxergam um objecto móvel a distância inferior a 15 centímetros. E só a 4 ou 5 centímetros é que têm possibilidades de definir se se trata de um ser incomedível ou de uma presa desejável. Algumas há cujo raio visual atinge 30 ou 40 centímetros. Em qualquer dos casos, chega para as necessidades aranhísticas, considerando o problema do ponto de vista do utilitarismo. O que acontece — e nisso levam a melhor até ao homem — é que conseguem ver perfeitamente onde, para a fraqueza óptica da visão humana, domina uma obscuridade impenetrável. Em compensação, não diferenciam as cores — o que também lhes não deve fazer diferença nenhuma... Mas, por outro lado, os seus órgãos do tacto atingem uma sensibilidade de inimaginável exactidão.

Para um naturalista apaixonado, a vida destes animaisinhos inestéticos e absurdamente ridículos, tem maravilhosos motivos de interesse. Embora menos estudadas pelos cientistas que outras espécies, sabe-se delas o suficiente para as compreender e, vamos lá, admirar. As suas melhores qualidades comparam-se às dessas outras lutadoras incansáveis que são as formigas. E, mesmo os defeitos, não são superiores aos delas.

Se a sua figura está ligada a acontecimentos trágicos, naturalmente que a culpa... é da imaginação dos homens. E se o desenho de uma teia causa calafrios é por singular analogia. Mesmo pouco romântica, a aranha vale mais que a cigarra, com a vantagem de não ser barulhenta nem estragadona...



# QUATRO MANEIRAS DE FUMAR

## O QUE FUMA PAULATINAMENTE

1 Eis o tipo do fumador prudente, que não corre o perigo do tabaco. Entre uma baforada e outra faz uma pausa e não aspira o fumo ou aspira apenas uma parte soprando o resto. Destante, o seu organismo e particularmente o seu fígado podem neutralizar os efeitos deletérios da substância tóxica antes que ela se misture com o sangue.

## O QUE FUMA MUITO MAS FUMA BEM

2 A quantidade de tabaco não é nociva quando fumamos como fuma este cavalheiro, que quando o cigarro vai em meio, deita-o fora. Do ponto de vista tóxico, vinte meios cigarros não equivalem a dez cigarros inteiros, mas apenas a cinco. Embora fosse mais económico fumar os dez cigarros inteiros em vez das vinte metades, o certo é que a saúde perdoa o mal que faz à algebeira.

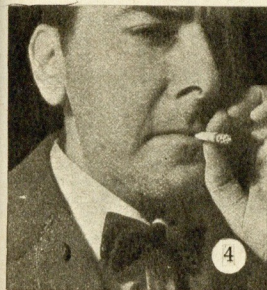
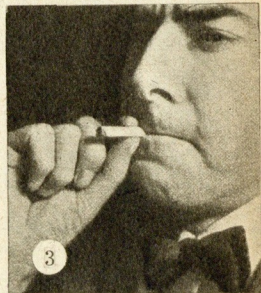
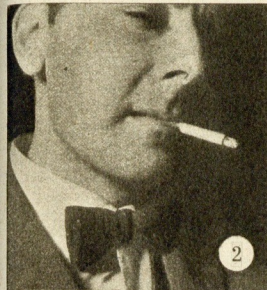
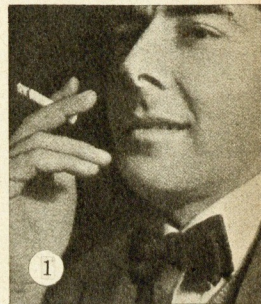
## O QUE FUMA POUCO MAS MUITO DEPRESSA

3 Aparentemente, este fumador parece respeitar o compromisso celebrado entre o vício e a saúde.

Não fuma muitos cigarros e os que fuma não fuma até ao fim. Mas as baforadas sucedem-se com intervalos de 5 a 10 segundos e a inalação da nicotina é quase total. Um só cigarro causa-lhe tanto mal como quatro consumidos por um fumador moderado.

## O QUE FUMA ATÉ O FIM

4 Por último, apresentamos o tipo do fumador que qualquer que seja o número de cigarros que fuma mais se expõe ao perigo da intoxicação. Com o espírito de economizar ou até por mero hábito sorve os cigarros até o fim. Ignora, positivamente, que a última baforada possui um poder tóxico quase cem vezes maior do que a primeira. A razão é esta: os tóxicos vão-se concentrando na parte não consumida do cigarro. Portanto, mande as beatas à missa...



## RESPOSTA À PERGUNTA 1 DA PAGINA 12

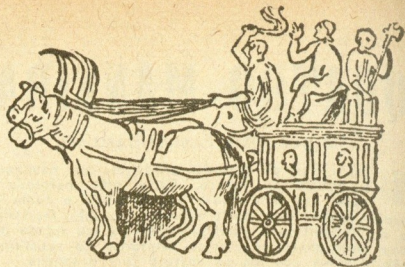
Sim, principalmente no período de romantismo e paixão dos jovens. Os enamorados não descobrem os defeitos da outra pessoa, senão quando perenemente pensam em constituir família ou se esfriam as suas relações.

Excepto nas obras literárias esse período romântico dura muito pouco, mas a verdade é que existe na vida real, quando o afecto é nascente.

Por algum motivo se diz que o amor é cego...

## ERA ASSIM, ANTES DE CRISTO...

Quando a multa  
se pagava  
com a cabeça...



Magistrado em silla curulis

NA Roma antiga, o cumprimento das disposições emanadas para disciplinar o trânsito urbano era rigorosamente vigiado por centuriões destacados para o efeito — autoridades semelhantes aos actuais policiaes de costumes.

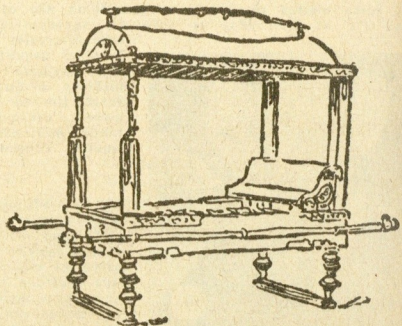
O principal regulamento sobre o assunto era a **Lex Julia Municipalis**, que durou até ao séc. III a C.. Dela constavam os principios gerais e suas excepções, estas últimas sempre em aumento. Realmente, não há nada de novo sobre a terra. Quando hoje se fala de problemas do trânsito, repete-se uma velharia dos tempos de Alexandre Severo — pelo menos... A única diferença substancial (mesmo muito substancial) é que então, as multas pagavam-se... com a cabeça... E como era muito fácil um simples equívoco tornava-se bastante difícil arranjar cabeças que chegassem...

O centurião tinha de recordar perfeitamente todos os meandros da lei, saber com exactidão quais os habitantes que estavam obrigados a segui-la e, sobretudo, quais os que possuíam direitos especiais e em qu. condições. E cada habitante, por sua vez, andava sempre com o credo na boca, e não era para menos...

Noves décimos das ruas da cidade eram reservados ao trânsito a pé, a cavalo ou em liteira. Mas havia uma autorização especial para o **Plaustrum**, (o nosso típico carro de bois) destinado a levar aos templos os objectos com que iam festejar-se as vitórias e os jogos; outra para quem se empregava no transporte de material para a construção de templos, edificios públicos ou obras semelhantes; outra para os carros que entravam e saíam de noite, carregados de víveres ou levando desperdícios. As **vestais** obtiveram o privilégio de livre circulação e, mais tarde, sucedeu o mesmo com as sacerdotisas das grandes cultos, os **Flaminios** e a **Kex Sacrorum**. O triunfador militar também circulava livremente, mas só no dia da vitória, usando coches e cavalos brancos como os que estavam atrelados aos carros de Jú-piter.

Nos tempos da República, os magistrados e demais representantes do poder civil também não sofriam restrições que utilizassem a **silla curulis** — assento especial que os colocava num plano mais elevado em relação aos outros passageiros. Quando foi implantado o Império, semelhante direito tornou-se extensivo aos altos funcionários. Um ou outro senador foi ainda autorizado a decorar os seus coches com adornos de prata. Enfim, uma Babel legislativa, feita quebra-cabeças com o decorrer dos tempos. Quebra-cabeças, e corta-cabeças... E nem sequer falamos nos comparas das festas do Circo, na «Lex Oppia», etc., etc..

A liteira, que percorria livremente todas as ruas urbanas.



## Para o mundo dos cinéfilos

### James Dean não morreu

ENTRE os cinéfilos americanos (dos dois sexos) desencadeou-se uma paixão frenética por um actor morto, uma paixão que supera em fervor e morbidez, aquela histórica loucura provocada pelo desaparecimento de Rodolfo Valentino na nebulosa época do mudo.

Os leitores recordam-se das circunstâncias trágicas em que James Dean perdeu a vida, há cerca de dois anos, vítima de um estúpido acidente de viação quando conduzia o seu «Porche» Pois os «fans» que choraram, impotentes, a dor produzida pela sua morte atearam agora um acendrado culto à memória do seu ídolo. Todos os meses se



contam por muitos milhares as cartas dirigidas a Dean pelos seus admiradores, que solicitam objectos do saudo «astro» para venerar como relíquia. «Talvez me possam enviar uma peça de roupa, um simples lenço que ele tivesse usado — supplica uma mulher. — Só peço isso. Não posso viver sem uma recordação dele, embora seja uma madeixa de cabelos de Dean quando ele era criança».

Centenas de missivas frementes, orvalhadas de vesânica paixão recebidas, todos os dias, em Hollywood interpretam o sentir de uma corte numerosa recrutada entre o mundo feminino, que continua a viver para o seu actor favorito. Algumas falam de «imortalidade», «reencarnação», «ressurreição» e todas murmuram segredos que só podem ouvir os seres vivos. Existe a crença muito difundida de que Dean não morreu, mas que ficou tão desfigurado que recolheu a um sanatório. Deu origem a este injustificado rumor, o facto de o cadáver do jovem artista de vinte e quatro anos; haver sido deposto num ataúde herméticamente fechado e quase ninguém o ter visto.

#### RESPOSTA A PERGUNTA 2 DA PÁG. 12

Sem dúvida — se confiarmos na opinião respeitável das damas. Há muitos milhares de anos, as mulheres estão convencidas de que os perfumes estimulam o amor dos homens e por isso lhes dão basto consumo, quase desde os alvares da civilização. É claro, o homem primitivo não se deixava conquistar por esse artificio, mas, à medida que se foi civilizando deixou-se embriagar pelos bons aromas.

Se até alguns de nós nos rendemos ao cheiro apetitoso de um bom prato...

Entretanto o culto por James Dean robusteceu-se e na Califórnia (como a gravura revela) estão a produzir-se em série, effigies do ídolo que parecem ter vida: recordações palpantes destinadas a materializar as saudades eternas de corações inconsoeláveis de mulheres que não puderam tributar a Dean a doçura de uma lágrima, a tristeza de um adeus.

# Uma visita à fábrica de bebês

**N**ÃO preciso de esventrar o meu despertador! A tarefa imposta pelo chefe da redacção não me deixa dormir. Olho os ponteiros luminosos do meu «Ruby». São três da madrugada! Quando devia voltar-me para o outro lado, tenho de me erguer, conspurcar um pouco de água para que a dona do quarto não insinue que não passei a outra noite em casa, e lançar-me na empresa mais difícil, mais penosa, de toda a minha vida jornalística.

Fazer uma reportagem na fábrica dos bebês é superior às minhas forças. Terei de ver, para contar, os tratos de polé que todos nós sofremos antes de nos deitarmos num bercinho. Esta recusa não meu passado tenro, à fase embrionária, manipuladora de todo o ser humano, sugestivo-me, acabrunha-me, reduz-me à infima proporção do tempo em que eu não era nada. Mas, couraçado da maior coragem, lá vou. Ordens, são ordens...

Sem fotógrafo, sem companheiro nem companheira, chego à fábrica dos meninos de Paris disposto a fazer uma reportagem do seu funcionamento.

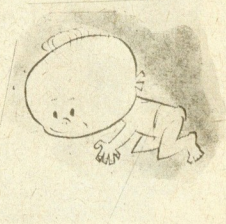
Sobre o portão de entrada leio um grande distico: «**MABISA**», que significa «Manufatura de Bebês, Sociedade Anónima. (O L e o R de responsabilidade limitada não têm cabimento nesta indústria). É ali. Não me equivoquei, apesar do nervosismo que o raciocínio turba e a razão embota. A minha chegada coincide com a de um camião repleto de meninos. Interrogo o empregado amável:

— São bebês que nos de-

volvem por terem alguma deficiência de fabrico.

E, resignado, com um encolher de ombros, o solícito informador logo acrescenta:

— Nós garantimos o bom funcionamento do menino... Enviamos todos com uma fitinha na boca, que uma vez descolada e posto o bebê na disposição de berrear, não dá direito a reclamação alguma. Mas, se o cliente examina o bebê an-



tes de lhe tirar a fitinha o lhe nota algum defeito, pode devolvê-lo, que nós aceitamos. Repare: recusaram este por ser demasiado feio, estouro por ter dois narizes e uma só orelha... É uma indústria ingrata, meu amigo, uma indústria que vive de uma freguesia deveras exigente. Uma freguesia que se esquece de que sob o tecto de uma família numerosa devia haver de tudo...

## RESPOSTA À PERGUNTA 3 DA PÁG. 12

Não, se nos referirmos aos olhos como órgãos da vista própria, são ditos.

O que reflecte um estado de alma são as pálpebras, as pestanas, as sobrancelhas e os músculos que rodeiam os olhos; em suma, o conjunto de todas estas coisas, cujos movimentos e contracções, etc., nos revelam o estado psicológico e emocional de uma pessoa.

Por algum motivo se diz que os olhos são as janelas da alma.

Do nosso correspondente em  
Paris **PIERRE ACHETE**

Passo às secções da grande usina.

— Aqui fabricam-se as orelhas. Esta máquina de arco de púa e verruma destina-se a praticar os orificios. Umas são furadas, outras não. As orelhas que levam um buracinho destinam-se à montagem das meninas que queiram usar brincos, o que, suponho eu, está fora de moda.

A seguir, entro no laboratório.

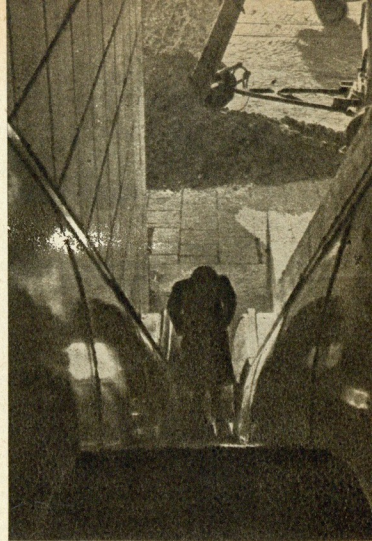
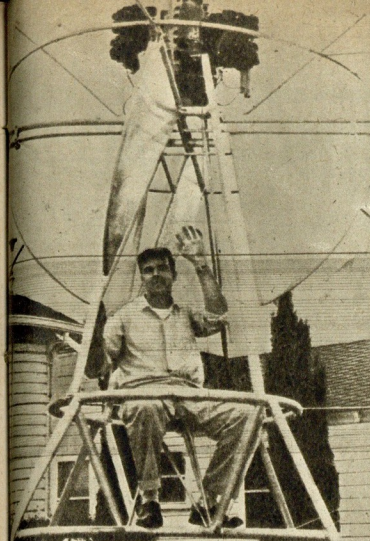
Embora tenhamos o monopólio mundial — dizem-me o cicrone — procuramos, constantemente, aperfeiçoar os nossos produtos. Lembre-se de que os «meninos» de há cinquenta anos só viviam até aos cinquenta e cinco, ao passo que a maioria dos que nascem agora, não quebram até aos oitenta ou noventa invernos.

— Que experiências estão a realizar, neste momento?

— O maior problema que se nos depara é o da coqueluche. Esforçamo-nos por criar um tipo de bebê que já tenha tido a coqueluche ou o sarampo antes de o enviarmos para os pais.

— O encerramento do Canal de Suez prejudicou o ritmo da vossa indústria?

— Ah, sim! Com certeza. Muitas matérias-primas chegam-nos agora com sensíveis restrições o que nos obriga a fabricar bebês mais baixinhos.



## PARA POUPAR ESFORÇOS E CANSEIRAS

**A** vida é fogo que nos devora; é vertigem que nos arrasta numa correria louca, que não se apieda de cansaços nem contemporiza com a marcha inelutável de ponteiros de relógio. Por isso, numa altura em que a Humanidade procura com vivo afã prolongar a existência do triste mortal vindo ao mundo, há que inventar, para a luta do dia a dia, meios mecânicos compatíveis com as imposições do horário, que nos afastem dessa boca hiante de energias preciosas, afinal a própria vida...

**1 — PARA IR PARA O ESCRITÓRIO** — Da sua máquina voadora de fabricação caseira, Jim West, de Hapeville, Geórgia (Estados Unidos) parece acenar-nos satisfeito. Jim é o inventor e o construtor deste estranho artefacto a que deu o nome de «paraplano» e que, quando concluído terá o aspecto de um disco-voador. Uma hélice de cerca de dois metros e duas asas possantes cheias de hélio que não-de revestir a armação constituem os meios impulsionadores da interessante passarola capaz de se elevar em linha recta, manter-se no ar como um autogiro e voar em qualquer direcção possivelmente à velocidade de trinta e cinco ou quarenta milhas por hora. Jim West diz que a planificou para ir para o escritório. Será que na sua Hapeville distante os transportes colectivos andem tão mal como em Lisboa? Se assim é, talvez o jovem inventor tivesse construído o seu «paraplano» enquanto esperava pelo auto-carro ou pelo eléctrico.

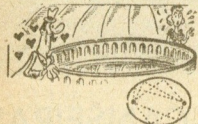
**2 — DIRECTAMENTE DA RUA PARA O ANDAR** — As escadas mecânicas estão a substituir em muitos casos os ascensores da velha escola. Recentemente, inaugurou-se em Hamburgo um edifício que as instalou directamente da via pública, e por meio delas os inquilinos podem chegar frescos às suas habitações. Aqui está um meio de a gente se elevar, livrando-se da pouca elevação de certos porteiros ou do desdém dos vizinhos, que não estão para maçadas (os primeiros) ou que sem querer deixaram a porta do ascensor aberta no sexto piso (os segundos) e depois ainda recalcitram (uns e outros).

# FIQUE-SE COM ESTA!

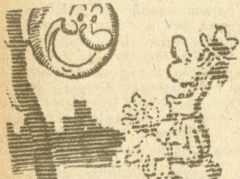


Um imã limpador de estradas, utilizado no Estado de Minesota (U. S. A.) recolheu numa extensão de 120 quilómetros quase 200 quilogramas de tachas, pregos, arames, alicafes, chaves de fendas e outros objectos metálicos.

Não há homem que não sinta inveja dos pretendentes recusados pela esposa, quando solteira.



Há muitas salas, galerias e catacumbas circulares ou ovaladas onde se pode ouvir o mais leve murmúrio produzido a grande distância. Basta para isso que nos coloquemos em determinada local onde se concentram todos os ecos.



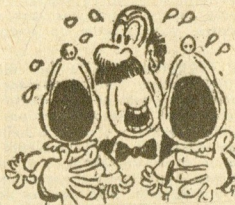
O Sol surge avermelhado em dias de neblina em virtude de a neve deixar passar melhor os raios vermelhos que os das seis cores restantes.

As noivas vão à igreja vestidas de branco, porque o branco é a cor da felicidade. Pela mesma razão os noivos vão vestidos de negro.

Em proporção, um cavale de cinco anos é mais velho que um homem de trinta.



Numa das últimas conferências celebradas em genebra, para neutralizar a espionagem, a delegação de um país empregou um aparelho que emitia ruídos perturbadores da acção dos microfones; a de outro realizara as suas conversações nas casas de banho com a água a correr; e uma terceira subornou o pessoal para que lesse os jornais em voz alta nos corredores.



A melhor maneira de curar a doença de uma mulher é dizer-lhe que a sua enfermidade só tem importância em pessoas de idade avançada.

A população do mundo duplica de 250 em 250 anos.



Até ao ano de 1859, as orquestras eram dirigidas pelo primeiro violinista, que ficava ao meio e tocava de vez em quando.

Neste mundo, nada se repete tanto como os trinta anos de uma mulher, que se repetem todos os anos.

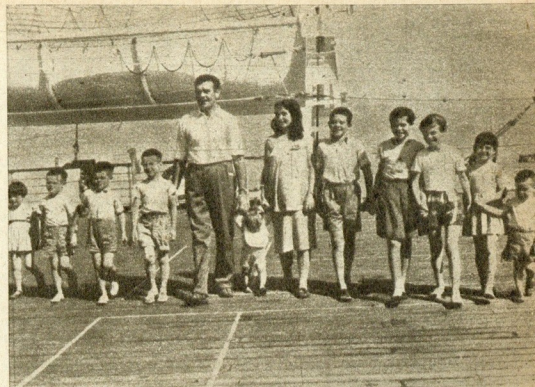


No Japão cerca de 5.000 tempos possuem um Cavalo Branco destinado exclusivamente ao serviço do deus. Esses cinco mil cavalos, belamente tratados estão extremamente gordos por falta de exercício, visto que são demasiado sagrados para serem utilizados por mortais.



Nada mais perigoso do que dar ouvidos a uma mulher. A mulher consegue vencer-nos.

## Emigrou com todos



Entre os últimos grupos de emigrantes chegados a Sydney figura a família Doyle — um casal com dez filho e pico — procedente da Londonderry (Irlanda). Doyle tem o officio de latoeiro e espera que na Austrália haja muitas canalizações para soldar. Aqui o vemos cheio de optimismo proclamando o seu lema: «Família numerosa é o mesmo que família feliz». Os rebentos são, da esquerda para a direita: Filis, quatro anos; Lyn, seis; David, cinco; Leermont, oito; papá Doyle (que não diz a idade que tem); Sean, treze; Carmel, doze; Kathleen, onze; Oria, dez, e Carry, três. Toda esta prole é catorze anos de casado.

O costume, entre nós, portuguesesinho como em todos os outros povos, é só o chefe da família emigrar quando se resolve a ir tentar fortuna em terras da estranha. Mas Doyle, um verdadeiro rei de criação, não quis deixar ninguém atrás.

## Oh! Sabrina!



Se há mulheres que, em vão perseguem a Fama, outras há as quais a Fama persegue. É o caso de Sabrina escultural artista do teatro, da TV e da cinematografia británicas. Esta rapariga de proporções harmoniosas (41-19-36) está constantemente na berra. Depois de arrancar «ohs» admirativos, às plateias das casas de espectáculo e figurar, amiúde, nas capas das revistas londrinas, Sabrina, sem querer, deu outra vez que falar. Principescamente paga para anunciar um produto «lava-tudo» do género do «Tide», alguns admiradores pretenderam tirar a prova da eficiência do tal produto e, num «cocktail» elegante verteram um frasco de tinta sobre o seu delicioso traje de tule branco. A vítima limitou-se a sorrir. Que artista!

## AS SUAS ANEDOTAS

**S**E basta um gesto para definir um homem; uma anedota vale, às vezes, a biografia de uma celebridade. Bernard Shaw era vegetariano, e a tal regime costumava ele atribuir o seu bom-humor e a sua férrea saúde. Poucas vezes se zangava. O riso era para ele o que a flor é para as elegantes: trazia-o sempre preso à lapela do seu engenheiro irlandês.

Embora asseado no trajar, acima de tudo gostava de se sentir à vontade, e isso o fazia parecer um tanto descuidado. Nunca usou colarinhos engomados, aos quais chamava «cou-raças». E quanto ao tabaco, costumava dizer: «Não compreendo essa estúpida mania que os homens têm de poluir o ar com o fumo dos seus cigarros».

Em 1908, um redactor do **Dayle Chronicle** interrogou-o acerca da sua alimentação.

— Acha penosa a privação do álcool e da carne?  
— Não sei o que seja privação. Estou muito longe de ser um asceta. Agradam-me as boas coisas. Mas porque não me pergunta se me é difícil abster-me de beber petróleo, que diga-se de passagem, preferi-lo-ia ao «cognac»?

\* \* \*

Em certa ocasião, Lady Radolph convidou-o para almoçar com outros convidados. «Não irei — respondeu Bernard Shaw. Não quero interromper o meu trabalho matinal e a minha ginástica para almoçar em companhia de uns carnívoros.

\* \* \*

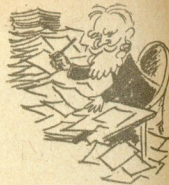
Certo dia recebeu o convite de uma senhora que gostava de reunir homens célebres nos seus salões: «Lady X estará em sua casa, na quarta-feira, entre as quatro e as seis da tarde». O grande humorista respondeu «Mister Bernard Shaw... também».

\* \* \*

Noutra ocasião perguntaram-lhe:  
— Você, que sabe tudo, é capaz de distinguir uma mosca macho de uma mosca fêmea?

— Nada mais fácil. Esta é macho; aquela é fêmea.

— Mas como sabe?  
— O macho não tira o ferrão da garrafa de «whisky», ao passo que a fêmea não deixa o espelho.



\* \* \*

Uma vez pediram a Bernard Shaw e à esposa que se deixassem filmar juntos. Acederam cortêsmente.

Quando a câmara se aproximou deles, o génio da literatura britânica abraçou fogaosamente a esposa e beijou-a.

— Que é isso? — admirou-se ela.

— Não sabes que todos os filmes acabam assim?

\* \* \*

Certa ocasião, o escritor almoçava num restaurante. Um violonista amenizava a refeição extraindo notas desgarradoras para os ouvidos. Bernard Shaw chamou o músico e disse-lhe:

— Você executa qualquer coisa a pedido dos clientes?

— Sim, senhor!  
— Pois então execute a marcha pelo bairro e volte dentro de uma hora.

\* \* \*

Céptico, por natureza, Bernard Shaw definia os idealistas desta maneira:

— São o sonhadores que desejam que a Humanidade seja melhor que o homem.

## Músicos de hoje

### IGOR STRAVINSKY



«Stravinsky — disse um dia Georges Auric — é tão famoso como se tivesse morrido».

A verdade é que, com setenta e três anos bem cumpridos, o grande compositor, ocupa ainda importante lugar entre os vivos. Se o vímos em frente da estante com a sua inconfundível camisola amarela, trata-se de um ensaio; com o seu traje de cerimónia, o seu nariz em forma de bico de ave de rapina, os seus olhos saltões de mocho, enquadrados por óculos de tartaruga, debruçado sobre a partitura, as mãos revoltando-se no ar, então e porque dirige um concerto.

Igor Stravinsky nasceu em 18 de Junho de 1882 em Oranienbaum, perto de S. Petersburgo. Deixou a Rússia em 1914, disposto a não voltar mais ao seu país natal:

É um exemplo vivo desta definição de Wagner: «Fala apenas uma língua universal: a música». Pois a música é a sua verdadeira língua, como é a verdadeira pátria deste emigrado da Rússia, naturalizado francês e a texto americano, capaz de reger uma orquestra em quatro idiomas e compôr sobre textos latinos e franceses, falar com a esposa em russo e com os netos em inglês.

O pai era cantor do teatro Imperial; a mãe, Ana Kinilovna, pianista. Igor Stravinsky que, no Liceu e na Faculdade de Direito não passara de aluno mediocre, teve a sorte, de, aos vinte e quatro anos, conseguir a amizade de Rimsky-Korsakov, que foi padrinho do seu primeiro casamento com a sua prima Catalina Yelavitch, em 1906. Deste matrimónio nasceram quatro filhos. Catalina morreu em 1929, no mesmo ano em que o insigne compositor perdeu a mãe e a filha mais velha. Em 1940 contraiu núpcias com Vera de Bosset.

Em 1909 encontrava Diaghilev que lhe encomendou a partitura para um «ballet» **O pássaro de fogo**, estreado em Paris pelos Ballets Russos. Em 1911 compôs **Petruchka** em que teve a ousadia de introduzir alguns compassos de uma canção de café-concerto. **Ele tinha uma perna de madeira...**

O dia 29 de Maio de 1913, assinala no teatro dos Campos Elíseos, a maior apoteose que a enbriada Paris rendera a uma obra musical depois de ouvir **Hernani**: foi a **consagração da Primavera**.

Tão famoso como regente de orquestra, como compositor, Igor Stravinsky vive actualmente numa «villa» de Hollywood, quando não viaja pelo mundo. O seu gabinete de trabalho é um reino proibido, no qual estranho algum pode entrar.

Quando queremos escolher entre uma obra que compreende oitenta ballets, óperas e peças diversas, pensamos sempre na **Consagração**. Stravinsky prefere a **Sinfonia Dançante**, a sua última composição, apresentada, este inverno em Nova Iorque.

Totalmente arruinado pela revolução russa de 1917, tornou-se um dos músicos mais ricos do mundo, graças aos seus direitos de autor e às edições dos seus discursos.

R. S. H.

### RESPOSTA À PERGUNTA 4 DA PÁGINA 12

Sem dúvida. A comunhão das almas, o carinho que dois espíritos se dão mutuamente não só enquanto os corações são jovens como também quando o meio da vida fica já distante atenua poderosamente o desgaste que a existência, as conseiras, os desvelos e esforço produzem na matéria constitutiva de dois seres amantes.

Sócio dizia que os homens não morrem, mafam-se, mas ao compor este conceito, esqueceu-se certamente dos benefícios do amor, quando o amor é verdadeiro sentimento.

# ALFONSA ou O AMOR FUNESTO

novela francesa  
de 1957, escrita  
em 1823



**O ENCONTRO**—Lavallier conheceu Alfonsa num dos Bois que cercam Paris. Como era costume, naquela época, entre a gente da sua classe, depressa brotou entre eles uma paixão desgarradora e funesta, como se viu mais tarde. Mas, apesar de os cavalos com o seu reconhecido fardo político, os deixarem sós, Lavallier não se atreveu a confessar o seu amor. Sômente ousou beijar-lhe a mão. Ela acedeu.



**O FRUTO**—Dias depois Lavallier recebeu uma criança envolta num papel em que se lia:

—Aqui tem o fruto do seu beijo. É o nosso filho: meu e vosso. Alfonsa.  
—Meu?—perguntou-se Lavallier, perplexo.

Mas o dever chamava-o. A França estava em guerra. O seu regimento ia partir.

Lavallier confiou o menino aos cuidados de uma velha, ignorante das perversidades da velhice ardente.



**O AMOR**—O menino tornou-se homem, criado por Alfonsa, que teve de comprar à anciã perversa o seu próprio filho.

O jovem, loucamente apaixonado declarou meses depois o seu amor à mãe, que lhe contou a verdade.

—Sou tua mãe!

—E meu pai?

—Partiu, está na guerra.

—Avido de vingança, o jovem seguiu também para a frente de batalha, disposto a lavar a mancha da sua mãe abandonada.



**O ÓDIO**—Em Paris um novo sofrimento veio aumentar a série de pesares do jovem.

Ao chegar a casa encontra Alfonsa (outrora objecto de seus apaixonados desejos e depois casta mãe em quem ele depositara o seu carinho) nos braços de um senhor desconhecido.

—Quem é esse homem?

—É teu pai!

—Ah, Ah—riu o jovem num soluço.—O meu pai está morto. Viva meu pai! Também matarei o segundo!

Enlouquecido lançou-se sobre Lavallier de espada na mão, mas Alfonsa interpôs-se entre os dois e o ferro atravessou com trágica doçura o seu coração.

Na realidade, o jovem não era filho de Alfonsa nem de Lavallier. A velha excreanda, tinha vendido à casta Alfonsa um filho da pior espécie. Mas o jovem, ignorante das diferenças de sangue, sentiu ódio venâncio pelo pai, o que demonstra a facilidade com que as vezes acreditamos nas relações consanguíneas. Em Milão matou o pai.

Novo erro. Lavallier afectado de enxaqueca, trocara a farda com um gascão que foi assassinado sem saber porquê.



**A VERDADE**—Colocada sobre uma mesa de bilhar, Alfonsa, antes de exalar o último suspiro, pode ainda revelar esta terrível verdade:

—Fou! Fou! (louco! louco!) Que fizeste? Tu não és meu filho! Disse-me essa maldita velha, antes de morrer! Je t'aime, mon petit tout de ma vie.

E expirou levando para a sepultura o segredo do seu estranho comportamento.

—Moi aussi, je t'aime, Alfonsa—murmurou o jovem lançando-se nos braços da morta.

Depois, quando Alfonsa estava muito fria, o jovem foi beber dois «cognacs» para esquecer.

—Oh, lá, lá!



Um problema a prémio (3)

## O "JAGUAR" ROUBADO

Um original de MR. JARTUR dedicado a MATOJAL

NAQUELA manhã, eu estava assoberbado com trabalho quando o telefone tocou. Contrariado, atendi. Do outro lado do fio, Marcos Dias, meu velho amigo, pediu-me que desse uma saltada ao «Clube do Aranhaço», onde se encontrava, pois estava a braços com um interessante caso que considerava susceptível de despertar a minha curiosidade. Aceitei o convite e meia hora depois estava junto do jovem detective amador. Este, depois de me ter mostrado uma pequena caixa onde, em duas das faces se lia «JUMP-COIL», pôs-me ao corrente dos factos:

— Ontem, a vivenda dos Abrantes foi assalada, tendo sido também roubado o jaguar que se encontrava no pequeno parque de acesso, não obstante as chaves estarem na posse do seu proprietário. Esta madrugada, o carro foi encontrado num pequeno bosque, a cinco ou seis quilómetros daqui. No local erguem-se apenas três moradias, que eu e alguns agentes revistámos, de alto abaixo. Na primeira dessas habitações vive, além do proprietário e sua família, um jovem operário que, ao que consta, conta duas prisões por roubo. Na fábrica onde trabalha, informaram-me que ainda hoje não apareceu ao serviço, não tendo justificado o facto. A casa que se segue está alugada a um casal francês que ali está gozando as suas férias. Curiosa, a sua colecção de caixas com pós para lavar...

Na última das habitações vive um empregado comercial, e foi de lá que eu trouxe a caixa que há instantes te mostrei, por achá-la jeitosa para uma brincadeira carnavalesca.

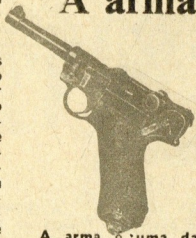
Marcos terminou assim a sua breve descrição e, por instantes, olhou-me fixamente, como se procurasse nos meus olhos, a solução do caso.

Calmamente, peguei na caixa «JUMP-COIL» e arremessei-a contra a parede, de forma a que na queda, caísse no cesto para papéis que ali estava. E não errei... — Ainda não atinaste com a solução, meu velho?

**Pergunta-se:** — Serão os nossos leitores, também capazes de acertar?

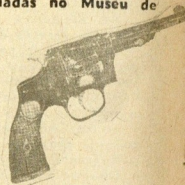
**NOTA** — O prazo para a entrega das soluções, é como habitualmente, de 8 dias. Entre os concorrentes que acertarem sortearemos uma boa obra policial.

## A arma do crime (1)



A arma é uma das mais apreciadas no Museu de Washington.

Quando os G. Men invadiram o apartamento de Perez Fitzgerald, em 20 de Julho de 1933, prendendo-o, encontraram este revolver, calibre 32, debaixo do seu travesseiro. Fitzgerald foi um dos raptores de August Yuer, empacotador, velho rico de 77 anos de idade, raptado em sua casa, em 10 de Julho de 1933 e detido como réu. Fitzgerald, com seus cúmplices, foi sentenciado a prisão perpétua e o revólver foi para a colecção de armas do famoso Museu do F.B.I.



## SINFONIA NOS

## BOSQUES



ESTE Abril que derrama oiro em todos os recantos da terra lusitana acendeu nos bosques lumes de mil cores. Nos raios luminosos que se escoam por entre a galharia das matas seculares, no leito de sombras poéticas, fere-se um louco «ballet» de borboletas.

Essa dança jovial da primavera, no azul do céu e do mar, na alvura das nuvens e das velas, nas asas multicores das borboletas errantes, suspirava pela interpretação artística de uma bailarina de classe.

E foi isso que tentámos fazer. Abstráimos algumas horas das duras realidades, do mundo concreto no qual vivemos, a vida consumptiva que nos vai matando, numa fuga impossível para um outro mundo de sonho. E o resultado está nestas fotos, que pretendem ser uma pausa repousante para os olhos e para o espírito cansados do brutal realismo do dia a dia.

Por alamedas ensolaradas, sobre a relva ensombrecida, entre árvores acolhedoras, num rincão donde se evola poesia indizível, uma sílfide reencarnada interpretou qual mariposa irizada e gigante todas as sugestões de bailado que nos oferece a Primavera.

JOÃO MARTINS



Na sua cabina de vidro, Charles Van Doren, concentra-se para responder a uma pergunta que vale 15 milhões de dólares.

registrando as proezas do fenômeno enquanto ele vai recebendo quantias fabulosas.

Charles Van Doren, que conta apenas trinta e um anos está a empregar os seus copiosos «rendimentos» adquirindo imóveis no seu país e no estrangeiro. Demonstrou que na América é possível fazer fortuna mesmo com a simplicidade e a cultura.

## O HOMEM «FAZ-TUDO» FAZ FORTUNA

O leitor já sabia — provou-o uma estatística — que na América dos dólares há mais aparelhos de televisão do que banheiras. O que o leitor, ainda mal identificado com os grandes nomes da T.V., ignora é quem é e como se chama a vedeta n.º 1 dos telepectadores porte-americanos.

Não se trata de nenhuma jovem donairoza cujas sedutoras curvas bastem para embriagar as multidões, nem de nenhuma atriz de talento. O ídolo do público americano apreciador dos progrmas de T.V. é um jovem professor de literatura que todas as segundas-feiras, à noite, responde às perguntas mais díspares e mais estranhas a que se submete durante o programa publicitário de um novo produto industrial.

Para Mr. Charles Van Doren, assim se chama o homem onisciente, a história universal, a música, a zoologia, a física nuclear, as línguas estrangeiras, a geografia, a bioquímica, a literatura bem como todos os outros ramos do saber humano não têm segredos: «A sua organização cerebral não tem similar; a sua memória deve semelhar-se a um arquivo ultra-moderno que numa fracção de segundo nos informe de tudo o que se escreveu sobre um dado assunto, ou tudo que se realizou em tal matéria».

«É um microcosmo mais vasto que o mundo, a cabeça de Mr. Van Doren» — dizem os jornais americanos que vêm

### CRÔNICA MASCULINA

#### CONDIÇÕES DE ASSINATURA

**Continente e Ilhas:** 10 números — 13\$50; 6 meses — 33\$00; 1 ano — 62\$00.

**Colónias, Brasil e Espanha:** 10 números — 15\$00; 6 meses — 39\$00; 1 ano — 78\$00.

**Outros Países:** 6 meses — 42\$00; 1 ano — 83\$00.

Neste  
número



ZIZI JEANMAIRE  
(sensação de Paris)  
canta com as pernas

O Homem "Sabe-Tudo"  
Faz Fortuna



Judo, o Desporto da Auto-Defesa

N.19

Preço 1\$50